

Estudo de caso clínico

Fabiana F. S. Bueno

Psicóloga da Psicologia Infantil do CAISM

1. Identificação

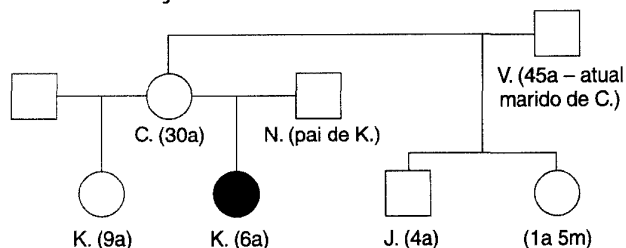
- Nome: K. C. B. G.
- Idade: 6 anos e 6 meses
- Escolaridade: pré-escola

2. História clínica

K. foi encaminhada para a Otorrinolaringologia e para a Fonoaudiologia da Santa Casa por amigos da família. Depois, a Fonoaudiologia encaminhou-a para a Psiquiatria no CAISM com queixa de distúrbio da linguagem e alteração de comportamento.

A paciente foi, então, encaminhada pela Psiquiatria para a Psicologia Infantil com a solicitação de um psicodiagnóstico diferencial. A hipótese diagnóstica era de deficiência mental. Atualmente, não toma medicação e a Psicologia a encaminhou para um trabalho conjunto com a Terapia Ocupacional.

3. Constelação familiar



4. Conduta

Foram realizados, até agora, sete atendimentos, sendo quatro de triagem e avaliação e três psicoterápicos. Os atendimentos são realizados duas vezes por semana na presença da mãe.

5. Queixa principal

Na entrevista de triagem, a mãe de K. trouxe uma queixa de que sua filha era “diferente das outras crianças” (sic), sua linguagem era confusa e difícil de entender, gostava de ficar sozinha no quarto escuro balançando a cabeça, não aprendia as lições dadas na

escola, era nervosa, não aceitava limites e se jogava no chão chorando quando era contrariada.

A mãe não soube relatar quando os sintomas de K. começaram. Primeiro, disse que se iniciaram aos 3 anos, quando via algumas diferenças das crianças normais, falava bem pouco até então. Depois, disse que na internação decorrente de um atropelamento, aos 2 anos e 11 meses, as enfermeiras a alertaram de que K. batia e balançava muito a cabeça. Relatou também que, a partir dos 4 anos, K. trocava o dia pela noite e costumava ficar chorando e rindo sozinha em seu quarto. A mãe disse não ter controle dessa situação e que, há pouco tempo, K. começou a apresentar enurese noturna. No decorrer dos atendimentos, a mãe relatou que K., desde pequena, foi uma criança “mais quietinha e mais molinha” (sic).

6. História familiar

C., mãe de K., foi casada por 5 anos e teve sua primeira filha há 9 anos. Depois da separação, a mãe relacionou-se por 3 meses com um antigo namorado, N., e ocorreu a gravidez não planejada de K. Esse relacionamento não deu certo, segundo a mãe, pois N. “era mais novo que ela e sem responsabilidade, pois não estava trabalhando” (sic). Quando desconfiou da gravidez, a mãe morava com uma amiga e tentou o aborto com mais ou menos 1 mês de gestação. Tomou Cytotec® e outros remédios (chás), acreditando ter abortado, pois houve um sangramento, mas logo começou a sentir enjoos e a engordar. N., segundo a mãe, ficou contente com a gestação, mas desconfiava da paternidade, achava que K. era filha de seu ex-marido.

C. mudou-se para a casa de sua mãe, com a qual não se relacionava bem e que também desconfiava da paternidade de K. O relacionamento das duas sempre foi conturbado, pois, segundo C., sua mãe a rejeitava e nunca a apoiava em nada. C. “chorava muito e agüentava calada” (sic), vivia à custa do padrasto, que cobrava pela comida. Passou fome nos 3 primeiros meses de gestação e pensou em cometer suicídio.

Nessa época, conheceu o atual marido, mas ainda gostava de N. Foram morar juntos, fez pré-natal e engordou bastante. Sentia-se mais aliviada por estar com um companheiro. Pensava em dar a criança para a avó paterna, quando ela nascesse.

Segundo dados do prontuário, a mãe engravidou 7 vezes e teve 3 abortos:

- 1º casamento – 1ª gravidez – K., 9 anos – menina
- 1º casamento – 2ª gravidez – aborto provocado
- 1º casamento – 3ª gravidez – aborto espontâneo
- Antigo namorado – 4ª gravidez – K., 6 anos – menina (paciente)
- 2º casamento – 5ª gravidez – aborto espontâneo
- 2º casamento – 6ª gravidez – 4 anos – menino
- 2º casamento – 7ª gravidez – 1 ano e meio – menina

7. História de vida

O parto de K. foi normal. Segundo a mãe, K. era uma criança gorda, esperta e risonha. Dentre os irmãos, é a única que tem pele branca, todos têm pele negra. Mamou no peito por 1 mês e passou para a mamadeira. Quando C. precisava sair, deixava-a com alguém. Não chorava muito, alimentava-se bem e dormia normalmente. Engatinhou com 10 meses e andou com 1 ano e 2 meses, quando já falava algumas palavras. Deixou as fraldas com quase 3 anos, mas não sabe fazer sua higiene pessoal sozinha até hoje.

K. alimenta-se pouco, gosta de carne e toma leite com Nescau na mamadeira 3 vezes ao dia. Usa chupeta e a mãe já tentou tirá-la, mas não conseguiu.

Em 23/12/95, quando K. estava com 2 anos e 11 meses, foi atropelada por um carro em uma descida. Estava com a mãe, os dois irmãos e uma sobrinha de C., quando saiu correndo em direção à rua. K. caiu, rolu várias vezes no chão e foi levada ao hospital, onde se constatou uma fratura de fêmur; segundo a mãe, ela foi avaliada e “fizeram exames na cabeça, não constatando nenhum problema” (sic). Foi transferida para o Hospital Sta. Marcelina, engessaram-na e permaneceu internada por um mês. Durante a internação, a mãe conta que as enfermeiras chamaram sua atenção para o fato de K. balançar muito a cabeça. Retorna todo ano à Ortopedia da Santa Casa.

Depois desse acidente, K. “teve uma piora da fala, ficou medrosa e assustada, precisou reaprender a andar, preferindo mais o isolamento que o contato com as outras crianças” (sic). Foi levada a um posto de saúde, onde receberam um medicamento chamado “Cintilan”, que tomou durante 6 meses, mas não com a frequência indicada, devido às dificuldades financeiras.

Segundo a mãe, o padrasto não deixa o pai biológico visitar a filha. Eles se vêem escondido, quando se encontram na rua. A família paterna gosta muito de K., compram brinquedos, mas a mãe não diz ao marido a procedência dos mesmos.

O relacionamento com os irmãos é agressivo, K. bate muito no irmão de 4 anos. Bagunça as brincadeiras e gosta muito de brincar sozinha com sua boneca ou com a irmã menor. Segundo a mãe, K. pede carinho, não se assustando com as pessoas desconhecidas. Antiga-

mente, quando a família morava no Paraná, K. chorava muito quando alguém ia embora, tinha sempre que sair escondido. Hoje, melhorou. A mãe diz que o lugar onde moram é muito perigoso e que fica sempre por perto, pois tem medo de K. ser atropelada novamente.

K. tem uma dificuldade grande em ficar longe da mãe, o padrasto a chama para sair e ela, a princípio, aceita, mas, quando percebe que está sem a mãe, tem comportamentos como nervosismo, choro e medo.

K. nunca teve nenhuma doença grave e, quando tem alguma dor, a mãe dá o remédio ou chá e a coloca para dormir. Todos da família dormem no mesmo quarto, e K. divide uma cama com o irmão de 4 anos.

A mãe relata que existe uma dificuldade grande em fazer exames em K., pois esta não deixa que a toquem. Já lhe deram calmante, mas não adiantou. Segundo a mãe, K. tem medo que doa. Foram feitos exames de urina e eletrocardiograma na Santa Casa e K. não toma nenhum medicamento atualmente.

K. entrou com 4 anos na escola e, desde então, só faz rabiscos. No início, ficava muito nervosa, chorava e gritava ao ser deixada pela mãe. Apresenta dificuldades na integração com os colegas. Começou a fazer tratamento na Fonoaudiologia, mas teve que interromper, pois K. não se deixava examinar.

Relato de uma sessão

K. e sua mãe chegam à sessão, acompanhadas das duas irmãs, de 9 anos e 1 ano e meio. K. parecia não saber onde era a sala.

Terapeuta: – Você não lembra onde era a sala? Aonde é? Me leve lá.

(K. foi em direção a sala correta e entrou.)

Terapeuta: – As crianças podem ficar esperando na sala de espera?

Mãe: – Podem. Será que ela não fica sozinha com você hoje?

Terapeuta: – Não sei, podemos tentar.

Mãe: – K., você fica com a tia brincando, a mãe vai ficar aqui com elas.

(K. entrou na sala, mas, quando viu que sua mãe estava indo em direção à sala de espera, voltou e sentou-se no sofá, pegando uma revista.)

Mãe: – K., lá dentro também têm revistas, vai lá.

Terapeuta: – Vamos, K.

(K. levantou e puxou sua mãe para que entrasse na sala de atendimento com ela.)

Mãe: – Não tem jeito mesmo, ela não fica.

Terapeuta: – Não tem problema. Vamos?

K.: – Boneca? Quero a boneca.

Terapeuta: – Aqui não tem boneca, K., mas tem a sua caixa.

Mãe: – É que no último dia, o dr. Sérgio deu uma boneca para ela, acho que é por isso que ela está perguntando.

(Olhou para a mãe e pediu para ir ao banheiro. Saíram e K. voltou sozinha, sentou-se na cadeira, mas deixou a porta aberta. Permaneceu um tempo assim parada e logo a mãe entrou dizendo que tinha ido ao banheiro também.)

Terapeuta: – A K. parece ter ciúmes dos irmãos? Quando você saiu, ela ficou olhando tudo o que você fazia lá fora.

Mãe: – Não, não tem muito. Ela deixa eu cuidar dos outros. Ela fica varrendo a casa e, de vez em quando, vai para o quarto e fica balançando a cabeça.

Terapeuta: – Acontece alguma coisa antes de ela ir para o quarto balançar a cabeça?

Mãe: – Não, é na hora que ela quer.

Terapeuta: – Eu gostaria que você reparasse mais quando ela faz isso.

Mãe: – Tá certo, doutora. Eu vou prestar mais atenção.

K.: – Boneca?

Terapeuta: – Não tem boneca aqui, K.

(K. foi até a sua caixa, abriu e pegou uns pedaços de isopor.)

K.: – O que é isso?

Terapeuta: – Isopor.

K.: – Isopor?

Terapeuta: – É. O que você vai fazer com isso?

(K. pegou a tesoura, foi sentar na cadeira e tentou cortar o isopor, mas não conseguia segurar direito a tesoura, então quebrou o isopor ao meio. Nesse momento, assustou-se e olhou para a terapeuta.)

Terapeuta: – Quebrou.

K.: – Quebrou?

Terapeuta: – Tudo bem.

(K. continuou quebrando todo o isopor e olhava-me quando isso acontecia. Levantou, pegou um outro, mas não conseguia quebrá-lo, então, deu-me.)

K.: – Quebrou?

Terapeuta: – Você quer que eu quebre?

K.: – Quero.

Terapeuta: – Não consigo, está duro.

(K. pegou o pedaço e deu-o à sua mãe, pedindo a mesma coisa. Esta não conseguiu também e respondeu da mesma forma. K. tentou quebrá-lo novamente, mas logo desistiu. Foi até a caixa e pegou uma pequena banheira de boneca. Colocou na posição em que se toca um violão e começou a cantar. Logo parou, colocou-a em cima da mesa e colocava os pedacinhos de isopor dentro dela, com a ajuda da tesoura.)

Enquanto isso, a mãe dizia:

Mãe: – Sabe, doutora, o médico disse que a K. pode melhorar bastante, mas que provavelmente ela não vai ser uma criança como as outras. Eu contei para ele que eu tentei tirá-la e acho que pôde ter a ver com o que ela tem hoje.

Terapeuta: – Pode ser, mas o episódio do atropelamento também foi muito marcante.

Mãe: – É. Nossa, doutora! Não gosto nem de lembrar, foi um segundo que eu virei para fechar a porta, ouvi aquela brecada do carro, na hora pensei: – É a K.! Aí, gritaram falando que ela tinha sido atropelada. Ela rolou várias vezes no chão (pausa, chora). É, eu estava conversando com minha amiga semana passada, aquela com quem eu morei quando estava grávida da K., e eu disse para ela das burradas que eu fiz, eu

estava desesperada, não devia ter feito aquilo, eu contei para a senhora que eu coloquei aquele remédio Cytotec®?

Terapeuta: – Contou.

Mãe: – Então, hoje eu me arrependo, acho que a K. é assim por causa disso (chora). Será que a minha filha não vai ser normal? Eu queria que ela conseguisse fazer mais coisas que eu, eu que nem sei assinar o meu nome direito (pausa). O doutor disse que é para eu procurar uma escola especial para ela estudar no ano que vem. Já estou vendo isso, as crianças são assim como ela?

Terapeuta: – Em uma classe especial, há crianças com dificuldades diferentes, mas que aprendem com mais lentidão, mais devagar e a K. vai precisar de um acompanhamento assim.

Mãe: – Eu vou conseguir, doutora. Se depender de mim, a K. vai ficar boa, se Deus quiser (chora).

Terapeuta: – Eu acho que você vem tentando ajudar, você se dispõe, não falta, faz o que os médicos mandam, isso é muito bom.

Mãe: – E eu agradeço a você, doutora, e ao doutor, que me ajudaram tanto na carteirinha de passe, porque sem ela eu não poderia pagar para vir aqui. Graças a Deus! O meu marido tem um filho deficiente e ele e a mãe abandonaram o menino, eu já falei para ele que não vou fazer isso com a K. nunca.

K.: – Fazendo comida. (Levanta e mostra para mim e para a mãe o que está fazendo.)

Terapeuta: – K., o tempo está acabando e daqui a pouco você vai embora, tá?

K.: – Tá.

(K. levantou-se e foi até a pia, lavou as mãos e sua mãe disse para enxugá-las com o papel. K. o fez, mas logo depois molhou-as novamente, colocando sabonete.)

K.: – O que é isso? (Assusta-se.)

Terapeuta: – É sabonete.

(K. queria tirá-lo e pareceu nervosa, agoniada.)

Terapeuta: – Não tem problema K., pode lavar.

(K., então, lavou as mãos e molhou o punho de sua camiseta. Foi mostrar para sua mãe.)

Mãe: – E agora, K.? Você molhou a camiseta!

(K. tirou a camiseta, dizendo que estava molhada. A mãe e eu dizíamos para que ela colocasse novamente, mas ela se recusou. A mãe tentou, algumas vezes, colocá-la, mas K. pareceu nervosa e começou a gritar. Chamei K. para perto de mim.)

Terapeuta: – K., não tem problema que a sua camiseta esteja molhada, logo vai secar, está quente, olhe para o sol.

(K. saiu de perto. Pedi, então, para que a mãe dissesse a mesma coisa que eu e mostrasse a outra manga seca. A mãe fez isso, então, e K. deixou colocar a manga, mas logo tirou e dizia que não queria. O tempo já estava acabando.)

Terapeuta: – K., você precisa colocar a blusa para ir embora, nosso tempo já acabou.

(A mãe abriu a porta da sala e as duas filhas entraram, a mais velha tentou colocar a camiseta em K. também. K. apontou para o alto da estante, dizendo algo sobre os brinquedos, então peguei-a no colo, mas não deixei que ela pegasse os brinquedos, dizendo que ela iria embora e que no

outro dia brincaríamos novamente. K. então começou a me beliscar, gritar e tentou me morder por três vezes.)

Mãe: – K., não faça isso! Está vendo, doutora. É assim que ela faz em casa.

Terapeuta: – Não tem problema, é assim mesmo.

(Saímos da sala e, no corredor, K. desceu do meu colo, deitou no chão e começou a me chutar. Nesse momento, o médico residente que a acompanha passava e K. foi até ele, começando a chorar. Pegou uma das mãos dele e a minha e nos levou até uma sala. Nesse momento, K. chorava muito, sentou-se em meu colo e pediu uma boneca ao médico. Continuava chorando e balançando o corpo.)

Terapeuta: – K., você vai voltar outro dia, diga para a boneca que você vai embora e que ela vai dormir agora, faça carinho nela. Dê para ele e fale tchau.

K. entregou a boneca para o médico, saiu do meu colo, deu a mão para sua mãe e todos descemos as escadas até a saída.

Observação: As falas de K. aqui descritas são, na maioria, uma interpretação, em uma tentativa de entendimento que a terapeuta fez de sua linguagem confusa.

Os profissionais que comentaram esse caso clínico receberam a descrição acima e uma gravação em vídeo do contato da mãe com a criança.